

PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL:

ASPECTOS HUMANOS
E SOCIOAMBIENTAIS

VOL. II

ARISTON DA SILVA MELO JÚNIOR
[ORGANIZADOR]



**EDITORA
ARTEMIS**

2022

PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL:

ASPECTOS HUMANOS
E SOCIOAMBIENTAIS

VOL II

ARISTON DA SILVA MELO JÚNIOR
[ORGANIZADOR]



**EDITORA
ARTEMIS**

2022



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe	Prof. ^a Dr. ^a Antonella Carvalho de Oliveira
Editora Executiva	M. ^a Viviane Carvalho Mocellin
Direção de Arte	M. ^a Bruna Bejarano
Diagramação	Elisangela Abreu
Organizador	Prof. Dr. Ariston da Silva Melo Júnior
Imagem da Capa	stylephotographs
Bibliotecária	Janaina Ramos – CRB-8/9166

Conselho Editorial

Prof.^a Dr.^a Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”*, Cuba
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia
Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba
Prof.^a Dr.^a Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof.^a Dr.^a Ana Júlia Viamonte, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano, Peru*
Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof.^a Dr.^a Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla, Espanha*
Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.^a Dr.^a Cirila Cervera Delgado, *Universidad de Guanajuato, México*
Prof.^a Dr.^a Cláudia Padovesi Fonseca, Universidade de Brasília-DF
Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. David García-Martul, *Universidad Rey Juan Carlos de Madrid, Espanha*
Prof.^a Dr.^a Deuzimar Costa Serra, Universidade Estadual do Maranhão
Prof.^a Dr.^a Dina Maria Martins Ferreira, Universidade Estadual do Ceará
Prof.^a Dr.^a Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima, Brasil



Prof.ª Dr.ª Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo*, México
Prof.ª Dr.ª Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca*, Espanha
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República*, Uruguay
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara*, México
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Gabriela Gonçalves, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil
Prof.ª Dr.ª Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
Prof.ª Dr.ª Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco, Brasil
Prof.ª Dr.ª Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura*, Peru
Prof.ª Dr.ª Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires*, Argentina
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío*, Chile
Prof.ª Dr.ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas, Brasil
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, *University of Miami and Miami Dade College*, Estados Unidos
Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha*, Espanha
Prof. Dr. João Manuel Pereira Ramalho Serrano, Universidade de Évora, Portugal
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros, Brasil
Prof. Dr. José Cortez Godínez, Universidad Autónoma de Baja California, México
Prof. Dr. Juan Carlos Cancino Diaz, Instituto Politécnico Nacional, México
Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid*, Espanha
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín*, Colômbia
Prof. Dr. Juan Manuel Sánchez-Yáñez, *Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo*, México
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof.ª Dr.ª Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás, Brasil
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo, Brasil
Prof. Dr. Luis Fernando González Beltrán, Universidad Nacional Autónoma de México, México
Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, *Universidad Pablo de Olavide*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Macarena Esteban Ibáñez, *Universidad Pablo de Olavide*, Espanha
Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodríguez, *Universidad Santiago de Compostela*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Márcia de Souza Luz Freitas, Universidade Federal de Itajubá, Brasil
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe, Brasil
Prof.ª Dr.ª Mar Garrido Román, *Universidad de Granada*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia, Brasil
Prof.ª Dr.ª Maria Carmen Pastor, *Universitat Jaume I*, Espanha
Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão, Brasil
Prof.ª Dr.ª Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal

Prof.^a Dr.^a Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana*, Cuba
Prof.^a Dr.^a Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof.^a Dr.^a Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Prof. Dr. Osbaldo Turpo-Gebera, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa*, Peru
Prof.^a Dr.^a Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof.^a Dr.^a Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia, Brasil
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará, Brasil
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Prof.^a Dr.^a Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Solange Kazumi Sakata, Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares. Universidade de São Paulo (USP), Brasil
Prof.^a Dr.^a Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal
Prof.^a Dr.^a Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa, Brasil
Prof.^a Dr.^a Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande, Brasil
Prof.^a Dr.^a Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca*, Colômbia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P712 Planejamento urbano e regional: aspectos humanos e socioambientais II / Organizador Ariston da Silva Melo Júnior. – Curitiba-PR: Artemis, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-87396-62-0

DOI 10.37572/EdArt_270822620

1. Planejamento urbano. 2. Planejamento regional. 3. Pesquisa. I. Melo Júnior, Ariston da Silva (Organizador). II. Título.

CDD 333.7

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166



APRESENTAÇÃO

O título **Planejamento Urbano e Regional: Aspectos Humanos e Socioambientais** representa uma importante análise nas relações humanas nos grandes centros urbanos, visto que o recrudescimento das populações urbanas acaba desafiando a convivência humana; mostrando muitas vezes condições sub-humanas com falta de infraestrutura adequada e acessível.

O planejamento urbano passa pela adoção de uma nova conscientização da população de como gerir o crescimento urbano, sendo responsabilidade de todos os envolvidos: sociedade, poder público e setor privado. O encarecimento e supervalorização dos centros urbanos colidem com o poder aquisitivo de uma parcela considerável da população. Não é por acaso que segundo dados da Organização das nações Unidas (ONU), mais de 100 milhões de vidas em todo o mundo não possuem um local para viver, trabalhar e educar seus filhos. A ONU vem, inclusive, incentivando projetos preocupados com cidades mais humanas e justas, denominado *smart city*. Pais e mães de família vêm sendo forçados a residir em lotes clandestinos nas periferias das cidades sem o mínimo de infraestrutura digna e necessária para a saúde humana no quesito bem-estar. Se não fosse o suficiente, ainda existe a problemática ocasionada pelo custo dos novos empreendimentos que oneram os valores imobiliários, nesse ponto tornando-se importante a adoção de novas tecnologias e materiais de construção de modo a possibilitar novos projetos arquitetônicos acessíveis à população mais carente.

O volume II de **Planejamento Urbano e Regional: Aspectos Humanos e Socioambientais** tem como missão apresentar a contribuição de pesquisadores e pesquisadoras de diversos lugares, formação e conhecimentos para instigar nos leitores/leitoras que se possa conhecer o que se tem feito pela melhoria das cidades e inspirar novos cientistas engajados com o desenvolvimento sustentável.

É com olhar apaixonado pelo conhecimento e pela troca de ideias e pensamentos que esse livro irá contribuir de forma democrática para que o leitor/leitora possa apreciar e também desenvolver suas próprias ideias e teses para que juntos possamos deixar as futuras gerações cidades mais bem preparadas, dignas e também com olhar humano no social. Possa-se assim construir uma nova mentalidade quanto ao conceito denominado planejamento urbano e regional.

Boa leitura!

Ariston da Silva Melo Júnior

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

URBANIZACIÓN Y HABITABILIDAD EN DOS POBLADOS RURALES. MÉXICO

Concepción Sánchez Quintanar

Johana Cruz López

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2708226201

CAPÍTULO 2..... 14

ESCUELA POPULAR DE URBANISMO: COCREANDO LUGARES MEDIANTE METODOLOGÍAS PARTICIPATIVAS DE ANÁLISIS Y DISEÑO URBANO

Marije Van Lidth de Jeude

Oliver Schütte

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2708226202

CAPÍTULO 3..... 25

CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÓMICAS Y DEMOGRÁFICAS: FACTORES RELACIONADOS CON LA POBREZA URBANA Y RURAL EN HUANCAVELICA, 2018

Edgardo Félix Palomino Torres

Kenia Aguirre Vilchez

Rúsbel Freddy Ramos Serrano

Sinthia Sullca Calderon

Raúl Eleazar Arias Sánchez

Lidia Juscamaita Huamán

Erika Paitan Poma

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2708226203

CAPÍTULO 4..... 48

O PLANETA URBANO: A PELE QUE HABITAMOS E A CIDADE DENTRO DA CIDADE – SMART CITIES

Adriana Nunes de Alencar Souza

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2708226204

CAPÍTULO 5..... 62

PP4 E A VILA EXPO'98: 20 ANOS DE UMA IDEIA DE DESENHO URBANO

Pedro Luz Pinto

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2708226205

CAPÍTULO 6..... 81

BIM APLICADO NO ESTUDO DE PROJETOS ARQUITETÔNICOS

Ariston da Silva Melo Júnior

Kleber Aristides Ribeiro

Abrão Chiaranda Merij

Leonardo Gerardini

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2708226206

CAPÍTULO 7..... 94

PAISAJES INFRAESTRUCTURALES: EL PROYECTO COMO MEDIADOR URBANO EN LAS ÁREAS CENTRALES

Eduardo Bertiz

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2708226207

CAPÍTULO 8..... 105

O AGENCIAMENTO DA BICICULTURA ATRAVÉS DOS PROGRAMAS DE CICLOVIAS RECREATIVAS: DEMARCANDO O PROBLEMA DE PESQUISA

Leandro Dri Manfiolete Trncoso

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2708226208

CAPÍTULO 9..... 120

AVALIAÇÃO TÉCNICO-ECONÔMICA ENTRE OS SISTEMAS DE BUBBLEDECK E LAJES NERVURADAS

Ariston da Silva Melo Júnior

Bruno Pereira Santos

Paloma Santos de Barros

 https://doi.org/10.37572/EdArt_2708226209

CAPÍTULO 10.....134

GAM(ISMO): EL CÍRCULO VICIOSO DE LA FRAGMENTACIÓN ESPACIAL Y LA SEGREGACIÓN SOCIAL EN LA GRAN ÁREA METROPOLITANA DE COSTA RICA

Marije Van Lidth de Jeude

Oliver Schütte

Florencia Quesada Avendaño

 https://doi.org/10.37572/EdArt_27082262010

CAPÍTULO 11.....147

CONTRA LA ESTÉTICA POSMODERNA: CIUDAD, HISTORIA E IDENTIDAD MANTENER
LAS ÁREAS HOMOGÉNEAS DE NUESTRAS CIUDADES

Iñigo Galdeano Pérez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_27082262011

SOBRE O ORGANIZADOR..... 166

ÍNDICE REMISSIVO167

CAPÍTULO 11

CONTRA LA ESTÉTICA POSMODERNA: CIUDAD, HISTORIA E IDENTIDAD MANTENER LAS ÁREAS HOMOGÉNEAS DE NUESTRAS CIUDADES¹

Data de submissão: 30/05/2022

Data de aceite: 24/06/2022

Iñigo Galdeano Pérez

Universidad del País Vasco
Escuela de doctorado en Estrategias
Científicas Interdisciplinares en
Patrimonio y Paisaje
País Vasco

RESUMEN: En este reino de lo inmediato, de la estética superflua y la compra liberal de identidad, un tobogán en la oficina de Googleplex, un huerto urbano en el conspicuo parterre de un barrio de la periferia, crear una instalación con paños de colores en una calle abandonada, o pintar un mural callejero, es tomado por un acto trasgresor, rebelde, revolucionario e innovador, el santo y seña de una sociedad en progreso. Una actuación urbana que no solo regenerará la ciudad, sino que será capaz, a su vez, de inducir un cambio secuencial en la sociedad. Pero en palabras de David Harvey, lejos de trasgredir nada y menos de ser revolucionario, “el postmodernismo en la arquitectura y el diseño

¹ Trabajo anteriormente presentado en el V Congreso Internacional ISUF-H celebrado en Costa Rica, en diciembre de 2021: “Ciudades espontáneas versus ciudades planificadas: distintos retos, distintas realidades”

urbano esta descaradamente orientado hacia el mercado”. Así, tras la iniciativa londinense de Sir Roger Scruton y su informe “Living in beauty. Promoting health, well-being, and sustainable growth”. “Building better, building beautiful” (2020), y su adaptación al caso vasco por el grupo de investigación en el que el presente autor trabajo “Mantener las áreas homogéneas del Ensanche de Bilbao” (2021), el presente artículo busca profundizar en la defensa de las áreas homogéneas y de la historia de nuestras ciudades frente a un postmodernismo rampante.

PALABRAS CLAVE: Postmodernismo. Patrimonio. Áreas homogéneas. Identidad.

AGAINST POSTMODERN AESTHETICS: CITY, HISTORY AND IDENTITY MAINTAIN THE HOMOGENEOUS AREAS OF OUR CITIES

ABSTRACT: In the current immediacy, the superfluous aesthetics and the liberal purchase of identity, a slide in the Googleplex office, an urban garden in a suburban neighbourhood, a colourful installation on an abandoned street, or a street mural, is considered as a transgressive, rebellious, revolutionary and innovative act. The symbol of a society in progress. An urban action that will regenerate the city, and that will also be able to induce a change in the society. But, in David Harvey's words, far from transgressing anything or being revolutionary, “postmodernism in urban

architecture and design is blatantly market-oriented”. Therefore, following the initiative of Sir Roger Scruton and his report “Living in beauty. Promoting health, well-being, and sustainable growth”. “Building better, building beautiful” (2020), and its adaptation to the Basque case by the research group in which the present author works “Maintain the homogeneous areas of the expansion of Bilbao” (2021), this article seeks to continue working on the defence of homogeneous areas and history of our cities against the rampant postmodernism.

KEYWORDS: Postmodernism. Heritage. Homogeneous areas. Identity.

1 INTRODUCCIÓN

“La ciudad, tal y como la encontramos en la historia, es el punto de máxima concentración del poder y la cultura de una comunidad. (...) Las ciudades son producto de la tierra. (...) Son producto del tiempo, son los moldes en los cuales las vidas de los hombres se han enfriado y congelado dando lugar, por medio del arte, a formas duraderas, a momentos que de otro modo se desvanecerían al morir y no dejarían tras de sí posibilidades de renovación o de mayor participación. En la ciudad el tiempo se hace visible” (Mumford 2018, 15-16).

Con estas palabras, tras Oswald Spengler en “La decadencia de Occidente” y Arnold Toynbee en su monumental “Estudio de la Historia”, se introduce “La cultura de las ciudades” (1938). Un libro escrito por Lewis Mumford en un nuevo intento por resumir el curso del desarrollo de la ciudad, y ponerlo en relación con el auge y la caída de las civilizaciones.

En esta obra, Mumford acude al esquema de las seis fases expuesto por Patrick Geddes en el “ciclo del crecimiento y la decadencia” de “Ciudades en evolución” (1915).

De la “polis” a la “necrópolis”, el discípulo inserta una fase más antigua que no figuraba en los esquemas de Geddes: la “eópolis”. Y para no alterar el diagrama, dado que no observaba ningún intervalo temporal entre ellas, combina dos de sus fases posteriores en la “tiranópolis”: la “parasitópolis” y la “patholópolis”. Configurando de nuevo tres fases ascendentes y tres descendentes:

(1) Eópolis

(2) Polis

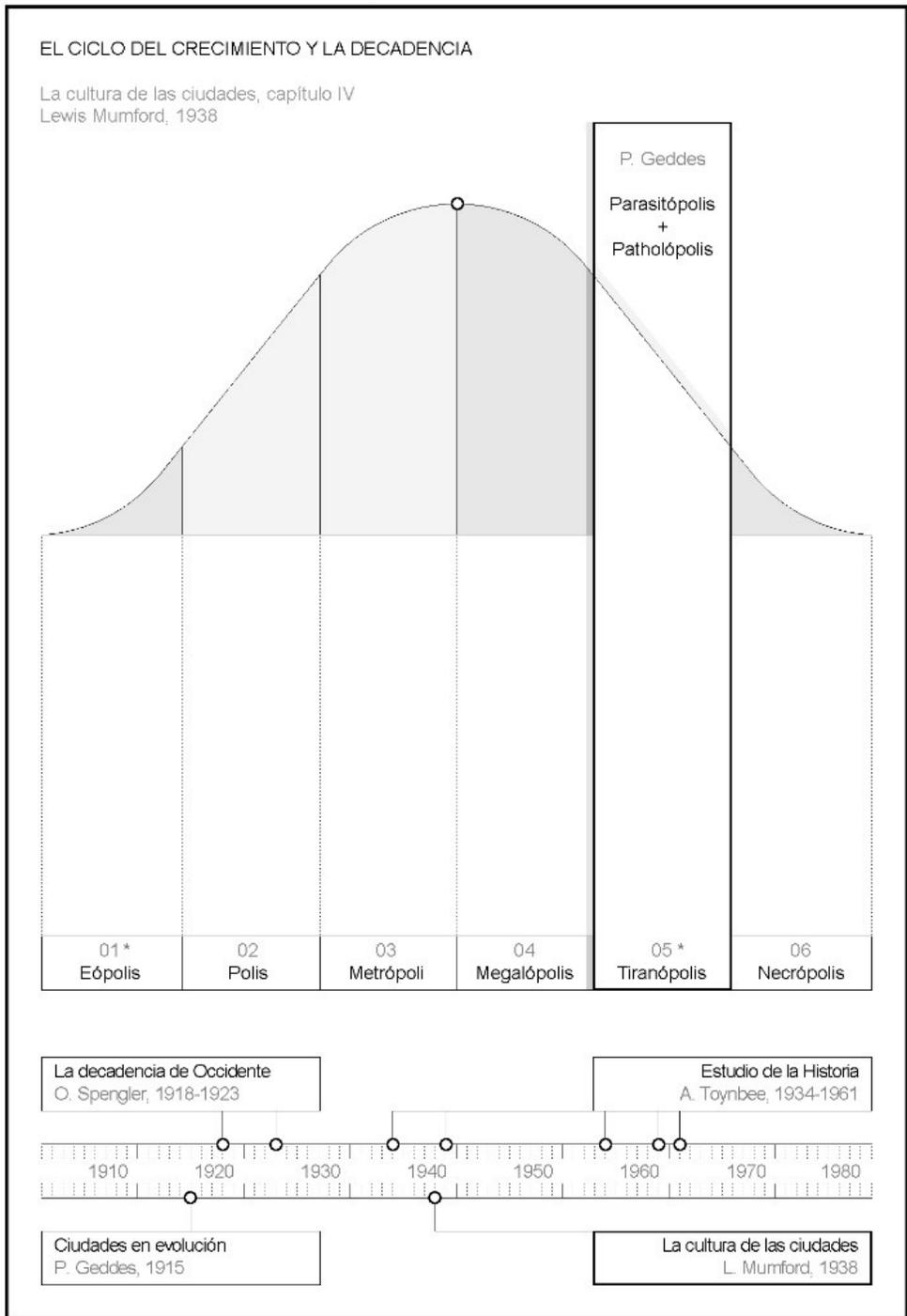
(3) Metrópoli

(4) Megalópolis

(5) Tiranópolis

(6) Necrópolis

Imagen 1: Elaboración propia.



Sin embargo, Mumford reconoce que las ciudades presentan fenómenos de interrupción del crecimiento, de muerte parcial y de autorregeneración. Es decir, que son capaces de prolongarse como “organizaciones físicas” durante los periodos vitales de varias culturas. Por lo que hablar de su nacimiento o muerte es más una figura retórica que un juicio científico (Mumford 2018, 371).

Una figura manida por muchos otros autores, como Jane Jacobs en “Muerte y vida de las grandes ciudades” (1961), Mike Davis en “Ciudades muertas” (2002) o Andy Merrifield en “La nueva cuestión urbana” (2014). Texto que más adelante se abarcará.

Con esto en mente, Mumford en su nuevo ciclo del crecimiento y la decadencia sitúa su entorno inmediato, el Nueva York de comienzos del siglo XX, en la cuarta fase: la “megalópolis”. Fase de la que se podrían considerar representativos los ejemplos de Alejandría en el siglo III aC, Roma en el siglo II dC, Bizancio en el siglo X o París en el siglo XVIII.

Cuarta fase. La Megalópolis:

“Comienza la decadencia. La ciudad, bajo la influencia de los mitos capitalistas, se concentra en los negocios y en el poder. Los dueños de los instrumentos de producción y distribución subordinan cualquier otro hecho de la vida al acaparamiento de riquezas y la exhibición del lujo. (...) Créditos, hipotecas, empresas especulativas. (...) El tamaño suplanta al significado. La cantidad abstracta rige todos los aspectos de la vida. Transportes más rápidos, monumentos más grandes, edificios más altos, materiales más caros. Mayor número de ventas, población mayor. Incluso la sanidad y la educación adquieren un carácter cuantitativo. (...) El conocimiento se divorcia de la vida. La industria se divorcia de la utilidad para la vida. La vida misma se compartimenta. (...) Se invierte demasiado dinero en el aparato material que facilita la grandeza. (...) Explotación sin trabas del proletariado. Aumento del conflicto entre los trabajadores organizados y las clases propietarias. Tentativas ocasionales por parte de las clases propietarias para fomentar la estabilidad mediante la filantropía, en justicia en dosis homeopáticas. (...)”

Las ciudades más pequeñas caen en la red de la megalópolis. (...) Aparece la amenaza de la barbarie generalizada, y el movimiento descendente del ciclo se acelera con mayor fuerza acumulada” (Mumford 2018, 364-365).

No se puede obviar que cuentan más de 80 años desde que Mumford escribiera estas palabras. Se ha de recordar que la “megalópolis” aún no estaba en su fase más avanzada, pues se hallaba confinada en unas ciudades-mundo que no poseían los medios materiales necesarios para abarcar los territorios cuyo dominio reclamaban. Por ello, si bien esta cuarta fase de Mumford y Geddes puede casar con la realidad neoyorquina de 1938, la historia continua y el ciclo del crecimiento y la decadencia lo hace con ella.

Entonces, ¿dónde se sitúa la realidad urbana actual?

2 ¿DE QUIÉN ES LA CIUDAD?

En 1970, el sociólogo inglés Ray Pahl publicaba una colección de ensayos bajo el escueto título “Whose city?”. Andy Merrifield, en su mencionada obra “La nueva cuestión urbana” (2014), responderá lo siguiente:

“¿De quién es la ciudad?, La respuesta quizás esté bastante clara: de los parásitos y su descendencia. Una especie de ciudad que podemos etiquetar como la ciudad parasitaria” (Merrifield 2019, 189).

Más allá de “La cuestión urbana” (1974) de Manuel Castells, Merrifield, en la revisión de esta obra, identifica la realidad urbana actual como el espacio del saqueo y la rapiña del capital. Un espacio profundamente marcado por el antagonismo de clase donde “los políticos y sus administradores, o los administradores y sus políticos, ya ni siquiera fingen querer cambiar algo”:

“Lo único que tienen que hacer los parásitos es sentarse en la propiedad y movilizar el poder del monopolio. El urbanismo parasitario está presente en todas partes y es la enfermedad de nuestra era neoliberal. La ciudad parasitaria, en definitiva, es una célula cancerígena en la estructura molecular de nuestro tejido urbano global. (...)”

No hace falta mirar demasiado lejos para ver que la mayoría de las metrópolis más grandes del mundo basan sus economías en actividades clasificadas justificadamente como parasitarias” (Merrifield 2019, 192).

A la vista está que Merrifield, revisando los escritos de Castells, recoge la estela marxista de David Harvey, quien fuese su director de tesis en la Universidad de Oxford. Sin embargo, los pronunciamientos de Pahl, ante tal cuestión, serán más tibios. Pues pionero del “gerencialismo urbano”, como muchos de los urbanistas progresistas de su generación podría describirse como weberiano de izquierdas. Un socialdemócrata que depositó todas sus esperanzas en la “justicia redistributiva” y en el “estado capitalista del bienestar”.

Sea como fuere, ambas lecturas remiten a la “parasitópolis”, o ciudad habitada por parásitos, descrita por Mumford. No tanto así a la “patológopolis”, o ciudad enferma, cuyo tono es más hostil y beligerante con referencias explícitas a las grandes guerras imperialistas y a las dictaduras de la época. Por lo que esta debería ser revisada y actualizada acorde la fase superior del capitalismo y a las dinámicas geopolíticas del siglo XXI.

Quinta fase. La Tiranópolis: Primera parte. Parasitópolis:

“Extensión del parasitismo por toda la escena económica y social. La función del gasto paraliza las actividades más altas de la cultura y ningún acto de la misma está justificado si no implica exhibición y gasto. La política se convierte

en una competencia entre este y aquel grupo o clase por explotar el erario municipal o del estado. (...)

Cesarismo. Desarrollo de procedimientos depredadores como substitutos para el comercio y el intercambio. Explotación pura y dura de las colonias y del territorio interior. Intensificación de los ciclos de depresión comercial consecuencia de la sobreexplotación de la industria y de la empresa especulativa. Fracaso de los gobernantes económicos y políticos para mantener la rectitud de la administración.

Lucha por sillones, búsqueda de privilegios, colección de recompensas, clientelismo, nepotismo, compadreo y pago de mordidas que se extienden tanto en la administración como en la empresa privada. Apatía moral generalizada y fracaso de la responsabilidad cívica. Cada grupo, cada individuo coge lo que se puede llevar. Ampliación del abismo entre las clases productoras y consumidoras. Aumenta el lumpen proletariado que reclama su parte de pan y espectáculos. Sobreoferta de deportes para masas. (...)

Amor parasitario a los beneficios en todos los órdenes de la vida" (Mumford 2018, 366).

Se ha de volver a recordar que cuentan más de 80 años desde que Mumford escribiera estas palabras. Para entonces ya había sido teorizada, 20 años antes, una corriente que observaba el monopolio como una continuación directa de las características fundamentales del capitalismo. Y el parasitismo como una consecuencia del mismo.

Podría afirmarse entonces que la "aceleración perpetua" del capital y su necesaria y continua "revolución tecnológica" ha terminado por otorgar a las ciudades-mundo de Mumford los medios materiales necesarios para abarcar los territorios cuyo dominio reclamaban. "Pues cuanto más desarrollado está el capital, tanto más se esfuerza simultáneamente en extender su mercado y en aniquilar el espacio por medio del tiempo en su sueño utópico de operar en un mundo espacial sin fricciones" (Harvey 2019, 161).

Así que, volviendo a la pregunta ¿dónde se sitúa la realidad urbana actual? De nuevo la respuesta parece evidente. En la quinta fase de Mumford: la "tiranópolis". Y más exactamente, en su primera parte: la "parasitópolis" de Geddes.

Pero ¿en qué afecta esto al tema en cuestión?

3 LOS PARÁSITOS Y SU ESTÉTICA

3.1 MÚSCULO CONSTRUCTIVO

Si en "La arquitectura del poder" (2005), Deyan Sudjic indagó de un modo valiente y demoledor tanto las obsesiones arquitectónicas de los personajes más poderosos del convulso siglo XX como el endiosamiento de los arquitectos puestos a su servicio. Si en esta obra, Sudjic relacionó las figuras de Adolf Hitler, Iósif Stalin, Benito Mussolini o Mao

Zedong con los excesos de la arquitectura moderna representada por popes como Le Corbusier, Albert Speer, Philip Johnson, Norman Foster, Frank Gehry, Yung Ho Chang, Arata Isozaki, Rem Koolhaas o Daniel Libeskind. De nuevo, la historia continúa, y con el cambio de siglo, el ciclo del crecimiento y la decadencia lo hace con ella: “La arquitectura tiene que ver con el poder. Los poderosos construyen porque eso es lo que les toca hacer” (Sudjic 2007, 6).

Los 2000 fueron de las famosas GAFA (Google, Amazon, Facebook y Apple), alcanzadas en la década de 2010 por las jóvenes NATU (Netflix, Airbnb, Tesla y Uber). Todas empresas estadounidenses. Entre medio, el colapso de la burbuja inmobiliaria que provocó la llamada crisis de las hipotecas subprime en octubre de 2007. En este contexto, Apple cerró el primer trimestre del año 2020 con unas ventas trimestrales de 91.800 millones de dólares. Un nuevo récord, 1.000 millones de dólares al día. Por primera vez su valor en bolsa superaba el PIB español. Unos pocos meses después, crisis sanitaria incluida, el pasado 19 de agosto, alcanzó una capitalización bursátil de dos billones de dólares lo que prácticamente duplicaría el PIB anual español. Cifra que se prevé superar al cierre del año. Obsérvese su exponencial crecimiento.

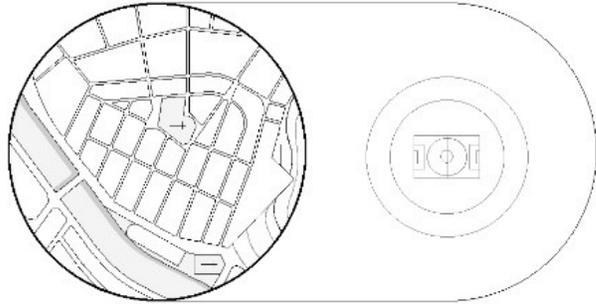
El desarrollo tecnológico y monopolista del capitalismo permite a las nuevas sedes de poder realizar intentos menos infructuosos que los de Hitler y Speer en la cúpula de piedra, vidrio y hormigón que dominaría Berlín con 300 metros de altura y un aforo de 180.000 personas: el Volkshalle (1936). O que el del Palacio de los Soviets (1937) de Stalin y Boris Iofan, elegido en competencia contra Le Corbusier y Walter Gropius:

“Un edificio tan alto como el Empire State, coronado por una colosal representación de Lenin a escala de la Estatua de la Libertad. (...) 500 metros de alto, el Vaticano del marxismo-leninismo. La estructura que dominaría todas las vistas de Moscú” (Sudjic 2017, 68-73).

Imagen 2: Elaboración propia.

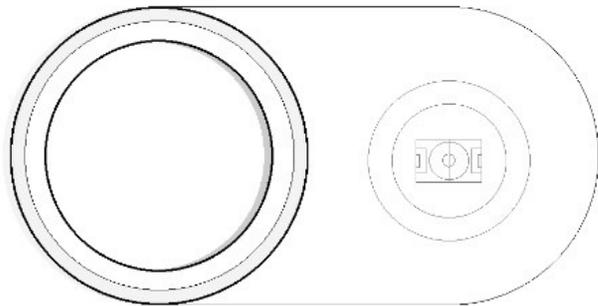
CASCO VIEJO DE BILBAO

Bilbao - Ø 464m
Estado actual, 2020



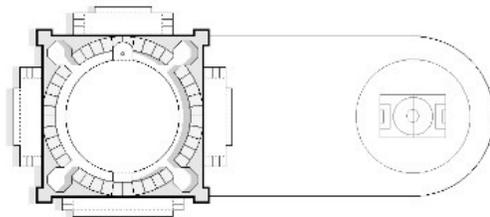
APPLE PARK

Cupertino - Ø 464m
Norman Foster, 2017



VOLKSHALLE

Berlín - Ø 250m
Albert Speer, 1936



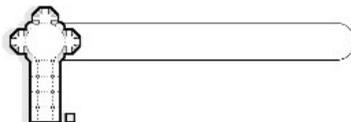
SAN MAMÉS BARRIA

Bilbao - 105 x 68m
César Azcárate, 2013



SANTA MARÍA DEL FIORE

Florença - Ø 55m
Filippo Brunelleschi, 1436



Hoy, Speer observaría ojiplático el emblemático anillo de casi 500 metros de diámetro construido por Norman Foster para Steve Jobs en el Apple Park de Cupertino (2017). Una realidad que supera incluso la ficción descrita por Dave Eggers en su novela “El círculo” (2013).

Un anillo situado en una parcela de 71 hectáreas, con un coste aproximado de 5.000 millones de dólares, donde trabajan cerca de 16.000 empleados distribuidos por un total de 260.000 metros cuadrados. Para conmensurar estas dimensiones habría que imaginarse una muralla de 60 metros de grosor circunvalando, holgadamente, las siete calles del Casco Viejo bilbaíno incluyendo la Catedral de Santiago, la iglesia de San Antón y el Mercado de la Ribera.

Pero lo mismo podría decirse para las sedes centrales de Facebook en Menlo Park, de Google en Mountain View, o de Amazon en el corazón de Seattle: Facebook, quien ha crecido incluso más rápidamente que Apple, ha ocupado cuatro edificios en poco más de cinco años. Entre 2009 y 2015, se trasladó de Palo Alto al parque científico de Standford. Después, con la firma Gensler, a la sede de Sun Microsystems en Menlo Park. Para al fin, terminar encargando un macrocampus presupuestado en 20.000 millones de dólares a Frank Gehry. Un nuevo pueblo en la periferia, de 80 hectáreas y 21 edificios, que se expande sin descanso desde 2015. Y aunque Google, a 10 kilómetros de Facebook y a 15 kilómetros de Apple, también levante su sede en la periferia de Mountain View: Googleplex (2006). Amazon abraza una estrategia urbana diferenciada construyendo directamente en el corazón de Seattle. Donde con sus rascacielos de 37 pisos, cascadas, jardines botánicos y otros edificios de última generación, más de 40, no busca construir un campus aislado sino un barrio inmerso en la ciudad que ya suma un montante de 50.000 empleados. Su fundador y director ejecutivo, Jeff Bezos, lidera por tercer año consecutivo la lista Forbes con una fortuna de más de 200.000 millones de dólares.

“Los imperios industriales, que en tiempos habría costado una vida construir, ahora surgen y se hunden tan rápidamente como un smartphone que da obsoleto (...) Es una economía basada en la combinación sin precedentes de velocidad y cambio. Donde, por primera vez en la historia, los nuevos productos se pueden vender por millones el fin de semana de su lanzamiento” (Sudjic 2017, 234).

Apple Park, pese a sus diversos retrasos y sobrecostes, tan solo tardó tres años en construirse. La Catedral de Santiago del Casco Viejo bilbaíno, en cambio, es un edificio gótico que responde a un proyecto de alrededor del 1400, cuya construcción se prolongó a lo largo del siglo XV y principios del XVI.

No es baladí recordar la fuerza que encierra este nuevo músculo constructivo capaz de destruir en pocos años lo que la historia tardó siglos en cimentar: nuestras ciudades. Una fuerza que se puede observar desatada en el caso de Londres. Sudjic, director del Museo del Diseño de la city, también analizará en “El lenguaje de las ciudades” (2017) el caso en cuestión:

3.2 NEW LONDON ARCHITECTURE

Durante el segundo mandato de Margaret Thatcher, en febrero de 1985, cuando Michael Von Clemm visitaba por primera vez el Canary Wharf junto a Michael Roux, “existía un consenso nacional por el cual no se podían construir edificios altos en los centros históricos de la ciudad. Por el cual no se podían destruir las comunidades de clase trabajadora constituidas por casas adosadas victorianas, anticuadas pero útiles. Y por el cual no se podían sacrificar edificios históricos únicos para dejar paso libre al trabajo de los arquitectos contemporáneos de moda” (Sudjic 2017, 145).

A principios de aquella década, incluso los planificadores imposibilitaban la construcción de edificios altos en la Milla Cuadrada. Se exigía la conservación de las fachadas. Se restringía el número de plantas. Llegando a darse el caso de que ante una propuesta del arquitecto Richard Rogers para construir un nuevo edificio de oficinas, se le sugiriese como corrección y modelo a seguir una imagen del Ca d'Orode (1872). Lamentablemente, en poco tiempo el “consenso nacional” se invirtió. Londres quería convertirse en la capital financiera del mundo. Y cuando el arquitecto jefe Stuart Murphy fue sustituido por Peter Rees, comenzaron a concederse en avalancha y prácticamente sin restricción los permisos de obra que los promotores solicitaban.

Cuando Tony Blair estableció en agosto de 1999 la CABE (Comisión para la Arquitectura y el Entorno Construido), Londres aún era reconocible. La catedral de San Pablo (1710) se alzaba en el centro con 111 metros de altura. Y al término de la Torre NatWest (1980), con 183 metros, está aún era un elemento aislado.

Hoy, Londres es el mayor centro de rascacielos de toda Europa y quien debía salvaguardar la calidad de la arquitectura, la CABE, se ha mantenido al margen aplaudiendo a las celebridades arquitectónicas que se han beneficiado de ello: Richard Rogers, Norman Foster, Jean Nouvel o Rem Koolhaas entre otros, según apunta Sudjic (2017, 146).

Y no es de extrañar cuando el primer presidente de dicha comisión Stuart Lipton, quien fuese promotor, hubo de dimitir por conflictos de intereses mientras su vicepresidente, Paul Finch, apuntaba lo siguiente: “La city no trazará una línea que diga a la gente que puede llegar hasta una determinada altura, y no más”.

La Milla Cuadrada comenzó a crecer en altura, pero necesitaba más espacio. Por lo que Canary Wharf, a seis kilómetros del Banco de Inglaterra, prometía mejorar sus comunicaciones para Paul Riechmann, fundador de Olympia & York, quien ya había transformado Toronto con el First Canadian Place (1975) y Nueva York con el World Financial Center (1985).

Desde una perspectiva global, Tokio tenía 37 millones de metros cuadrados de oficinas, Nueva York 27 y Londres tan solo 14. El Battery Park americano estaba a tan solo quince minutos andando de Wall Street y aunque el Canary Wharf a seis kilómetros de la city pareciese un mundo aparte, fue una oportunidad de negocio que Riechmann no pudo resistir. 28 hectáreas donde construir 550.000 metros cuadrados por 2.000 millones de libras.

Finalmente, el gobierno de Thatcher no cumplió su promesa de ampliar la red de metro y Olympia & York entró en banca rota. Pero Riechmann insistió y el tiempo le ha dado la razón. El distrito es hoy un gran centro financiero con el metro más moderno de la ciudad.

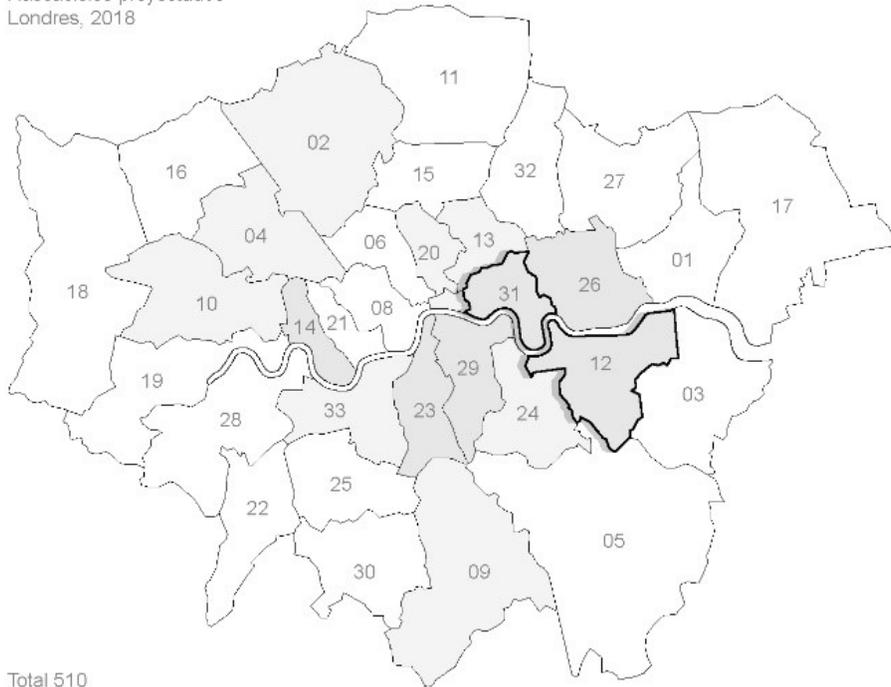
Ante estos acontecimientos Sudjic lanzará la siguiente pregunta: “¿Se podrían haber hecho las cosas de otra manera? ¿Había otra forma de que Londres se asegurase un lugar como capital financiera del mundo sin convertirse en algo parecido a Shanghái?” Enfrente situará el modelo francés de la Défense de París en su intento de construir un centro financiero mediante un proceso controlado por el estado (Sudjic 2017, 151).

Pero a diferencia de la más reciente actualidad, la construcción de estos centros financieros nunca se utilizó en favor de torres residenciales privadas como las que hoy amenazan el Támesis de Putney a Greenwich, con pretensiones de extenderse hacia el oeste.

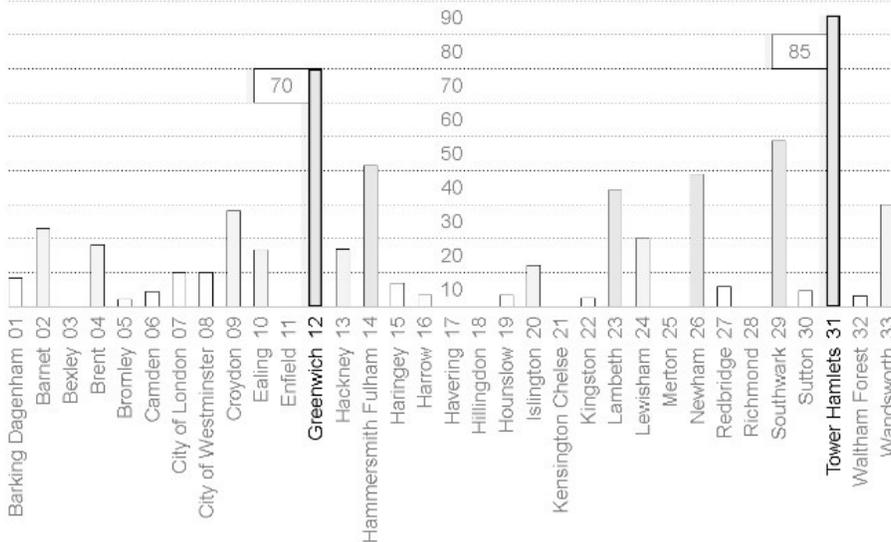
Imagem 3: Elaboração própria.

NEW LONDON ARCHITECTURE

Rascacielos projetados
Londres, 2018



Total 510



De los 510 rascacielos, previstos o en construcción, contabilizados por el estudio de la “New London Architecture” (2018), 458 serán destinados a uso residencial, sumando un total de 106.000 nuevas viviendas. Viviendas destinadas, no a proporcionar hogares asequibles a sus conciudadanos, sino a convertirse en productos especulativos para inversores que buscan un nuevo tipo de activos. “Proyectos que nos indican que el propio éxito de Londres amenaza con destruirlo” (Sudjic 2017, 148).

“Grandes zona de Londres se han convertido en campos de tiro libre para los promotores. A veces parece como si ellos mismos no pudieran creer lo que está pasando, y reaccionaran jugando al escondite inglés para ver cuanto pueden conseguir. “Esto no creo que se lo traguen, en serio...”, casi los oímos pensar, “pero vamos a intentarlo”. “¿El edificio más alto de Europa? Sí, por favor”, dijeron tanto Ken Livingstone como Boris Johnson. “¿Una torre más alta aún?” “¿Por qué no?”, dicen los urbanistas de la ciudad. “¿Podemos construir la torre Vauxhall, el bloque que un inspector de urbanismo quería tumbiar solo porque estropea la vista del Palacio de Westminster?” “Sí”, dijo el ministro de gobierno que anuló esa recomendación” (Sudjic 2017, 147).

Y ciertamente, como apunta Simon Jenkins en su artículo, una investigación de “The Guardian” reveló que más de dos tercios de la torre residencial Vauxhall es propiedad extranjera, y que al menos una cuarta parte recae en manos de empresas offshore que operan mediante paraísos fiscales (Jenkins, 2018). Londres puede ser destruido en tan sólo una generación.

3.3 PARÁSITOS 2.0

Pero más allá del músculo tecnológico y constructivo que muestran estos grandes acumuladores de capital, y más allá de su quehacer especulativo y rentista, en la “parasitópolis” del nuevo milenio, que ni Mumford ni Geddes llegarían a conocer, estas colosales multinacionales, parásitos de escala mundial, han acrecentado su interés por la ciudad.

Los parásitos ya no solo ejercen su actividad en las ciudades, donde se concentra el capital y residen sus clientes, sino que han echado el ojo a los servicios urbanos. Vivienda, transporte, redes y demás servicios municipales representan más de un tercio de la economía de los hogares y quieren su parte del pastel, sino su integridad. Han comenzado por los alquileres de alojamiento temporal y los vehículos con conductor, pero pronto se extenderán: “la noción de Smart City es especialmente emblemática con respecto a dicho deslizamiento” (Brossat 2019, 108).

“Cabe recordar que un parásito es un organismo que se alimenta de un anfitrión más grande. Un comensal no invitado que no paga por su comida. Los parásitos devoran la riqueza común en todo el mundo, devoran el cuerpo social desde

dentro, despojan a la gente de sus bienes, embargan sus casas, despojan de valor, en vez de contribuir a generarlo” (Merrifield 2019, 189).

Como anunciaba Mumford: “Cesarismo y desarrollo de procedimientos depredadores como substitutos para el comercio y el intercambio”. Si la libre competencia existió algún día, hoy es un mito. La sobreacumulación y la economía a gran escala han permitido que gigantes como Amazon desarrollen algoritmos capaces de identificar y copiar, inmediatamente, las ofertas más ventajosas de la competencia, renunciando a la gran rentabilidad del corto plazo para lograrla en el largo y hacerse con el mercado.

Amazon, frente al pequeño comercio durante el confinamiento, en tan solo seis meses, ha crecido más de un 30%. Y ni los estados, ni los ayuntamientos, ni las alianzas internacionales han conseguido frenar los empeños de estas y otras multinacionales. Ya ni sorprende que en octubre de este año el Departamento de Justicia de los Estados Unidos haya terminado por presentar una demanda antimonopolio contra Google en lo que se ha denominado “el juicio del siglo”.

Las ciudades se encuentran impotentes ante las dinámicas del capital. Son asediadas.

Y, mientras el área de vivienda parisina intenta denunciarlo, Airbnb bajo novedosos métodos de dumping fiscal, y lobbies en Bruselas para presionar a la Comisión Europea, cada día inscribe un mayor porcentaje de alojamientos en su red, generando de media tres veces más que si estuvieran alquilados del modo tradicional (Brossat 2019, 55).

La gran mayoría de estos pisos de alquiler pertenecen a agencias y multipropiedades que, tras desalojar a sus inquilinos, los decoran de forma impersonal con el fin de acoger turistas por rotación durante todo el año. Como diría Sudjic poseen un “buen diseño”:

“Canary Wharf en Londres o el World Financial Center en Nueva York son ejemplos de fragmentos de ciudad simplificada. Pueden parecer bastante urbanos, con sólidas fachadas de granito, fuentes públicas y una mezcla convincente de tiendas, apartamentos y oficinas, pero tienen la misma relación con un fragmento auténtico de ciudad (que es necesariamente complejo, y no sencillo) que un Starbucks con un café italiano regentado por una familia.

Starbucks está diseñado para procesar algo con eficiencia, un café razonablemente agradable, y para servirlo de una forma sencilla, en cualquier parte del mundo. El sistema Starbucks es un diseño bueno, en el sentido en que un fusil Kalashnikov es también un buen diseño. Es barato fiable y aprueba de tontos” (Sudjic 2017, 173).

3.4 ESTÉTICA

Como en Starbucks, mobiliario, iluminación, materiales, colores y distribución rinden tributo a un mundo que se uniformiza para su producción y consumo en masa. El objetivo, la ganancia.

Se precarizan los empleos y uniformiza una estética idéntica, tanto en los nuevos locales comerciales como en los apartamentos estrella de las plataformas digitales, donde ya es prácticamente imposible atisbar el punto del esferoide donde se sacaron las fotografías si no fuera por aquel postmoderno edificio del fondo.

Recuperando el ejemplo de las sedes de Cupertino, Menlo Park, Mountain View y Seattle, se observa como la burocrática Costa Este de los 70 ha quedado atrás, dando la bienvenida a la desenfadada Costa Oeste, donde hoy se pretende desdibujar las fronteras entre el ocio y el negocio.

La corporeización arquitectónica neoliberal del sueño americano en la sede mundial de la Johnson Wax (1939) de Frank Lloyd Wright en Racine, Wisconsin, ha cedido su lugar al narcisismo postmoderno, y a la falaz trasgresión, de las oficinas infantilizadas de los GAFA en Silicon Valley.

Si hace unos años exportaban el modelo de oficina de cubículos rígidos y formales distribuidos por un espacio diáfano y uniforme, al puro estilo del suburbio americano. Ahora es el momento de los “pufs, piscinas de bolas y pizza servida las 24 horas. Comida vegana y tofu. Toboganes en la oficina” (Sudjic 2017, 232). El betún de los zapatos, el nudo Windsor y la raya al lado de los ejecutivos que se encontraban en la misma planta, a la misma cota, separados del resto de cubículos por una fina mampara de vidrio, han sido sustituidos por las deportivas, los pantalones rotos, tatuajes y pelos de colores de unos CEO hiperactivos, a lomos de segways.

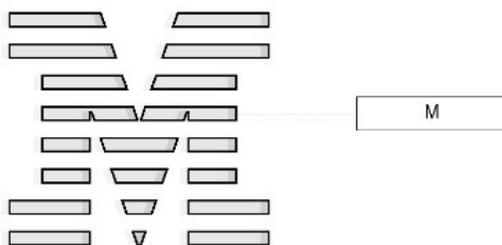
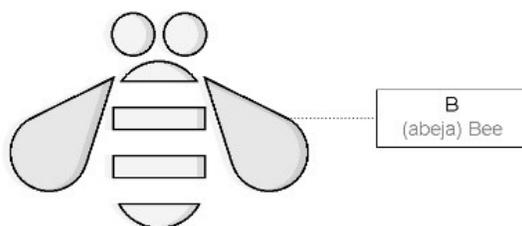
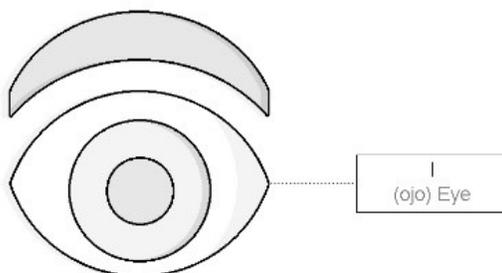
Hoy, el juego visual Eye-Bee-M de Paul Rand, que reforzaba el lema de la multinacional IBM: “Piensa” (1981), ha sido sustituido por los grafitis de la sede de Facebook: “¡Muévete rápido y rompe cosas!” (2014).

En la lógica postmoderna cualquier trasgresión de lo percibido como normativo por muy falaz, reaccionaria o degenerada que sea es tomada por un acto revolucionario e innovador.

Imagen 4: Elaboración propia.

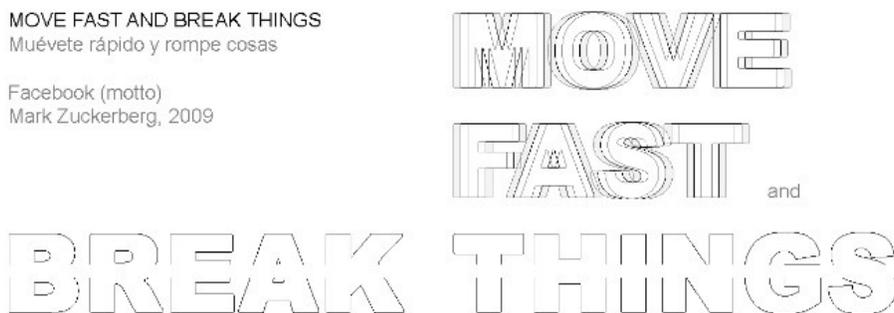
THINK
Piensa

IBM (motto)
Paul Rand, 1981



MOVE FAST AND BREAK THINGS
Muévete rápido y rompe cosas

Facebook (motto)
Mark Zuckerberg, 2009



“Por postmodernismo entiendo el movimiento de pensamiento contemporáneo que rechaza las totalidades, los valores universales, los fundamentos sólidos de la existencia humana, las grandes narraciones históricas y la posibilidad de conocimiento objetivo. Escéptico ante la verdad, la unidad y el progreso, se opone a lo que se entiende que es el elitismo en la cultura, tendiendo hacia el relativismo cultural y celebrando el pluralismo, la discontinuidad y la heterogeneidad” (Eagleton 2005, 229).

Regresando a Londres, al cruzar el Puente de la Torre (1894) sobre el Támesis, uno se encontrará ante un pepinillo (Gherkin), un rallador de queso (Cheesgrate) y un walkie talkie, pues “Londres entregó a sus gobernantes un skyline de postguerra como el de Canaletto. Y ellos le han devuelto un Jackson Pollock” (Jenkins, 2018).

En este reino de lo inmediato, la estética superflua y la compra liberal de identidad, un tobogán en la oficina de Googleplex, un huerto urbano en el conspicuo parterre de un barrio de la periferia, o crear una instalación con paños de colores en una calle abandonada, es tomado por un acto trasgresor, rebelde, revolucionario e innovador, el santo y seña de una sociedad en progreso. Una actuación urbana que no solo regenerará la ciudad, sino que será capaz, a su vez, de inducir un cambio secuencial en la sociedad. Pero lejos de trasgredir nada y menos de ser revolucionario “el postmodernismo en la arquitectura y el diseño urbano esta descaradamente orientado hacia el mercado” (Harvey 2017, 97). El postmodernismo es la punta de lanza de un capital que, desarticulando las colectividades, penetra en todos los aspectos de la vida, mercantilizándolos uno tras otro, y que, por si fuera poco, equipara la visión científica y materialista de la realidad a cualquier ensoñación científica e idealista.

Cualquier colectividad torna contrahegemónica y la heterogeneidad reina. La homeopatía pugna con la medicina, todo es relativo y cualquier ensoñación aceptada, “el postmodernismo rechaza la posibilidad de un conocimiento objetivo” (Eagleton 2005, 229).

“La situación actual de la arquitectura consiste en que los arquitectos discuten la estética académica y abstracta mientras que, en la realidad, son cautivos de los agentes inmobiliarios que están arruinando nuestras ciudades y expulsando a la clase obrera de sus hogares” (Harvey 2017, 135).

Este es el mercado parasitario al que nos enfrentamos. Y esta, su estética:

“La búsqueda del icono arquitectónico se ha convertido en el tema más ubico del diseño contemporáneo. Ahora todo el mundo quiere un icono. Quieren un arquitecto que haga lo mismo que hizo el Guggenheim de Gehry para Bilbao y el Teatro de la ópera de Jorn Utzon para Sydney. (...)

Nunca se ha dado que tanta arquitectura de alta visibilidad fuera diseñada por tan poca gente. A veces parece como si sólo hubiera treinta arquitectos en todo el mundo. El circo volador de los viajeros eternos. (...)

Juntos forman el grupo que da los nombres que surgen una y otra vez cuando otra ciudad tristemente engañada se pone en acción con la falsa idea de que

va a superar al Guggenheim de Bilbao con una galería de arte que parecerá un choque de trenes, un platillo volador o un hotel en forma de meteorito de veinte plantas. (...)

Pero ¿Cómo pueden los clientes saber que su accidente de trenes, su meteorito o su platillo volador en concreto va a ser el hito que buscaban y no la pila de basura que en el fondo sospechan que es?

La respuesta es que no pueden saberlo" (Sudjic 2007, 264).

4 CONCLUSIONES

La tarea se antoja ardua. No solo debemos defender las áreas homogéneas de nuestras ciudades, nuestra historia, nuestra identidad, ante los envites de un mercado parasitario que se asentará en propiedad para exprimir las rentas del suelo, en cuanto encuentre la oportunidad. Sino que también debemos defenderlas de la estética de dicho mercado, del postmodernismo ideológico y urbano del gesto, de la otredad, de la alteridad, de la trasgresión por la trasgresión:

"Un postmodernismo que cultiva una concepción del tejido urbano necesariamente fragmentada. Un palimpsesto de formas del pasado superpuestas unas a otras. (...) Un postmodernismo contrario a la planificación. (...) Un postmodernismo que concibe el espacio como algo independiente y autónomo que no debe modelarse en función de objetivos sociales" (Harvey 2017, 85).

Con total seguridad, ante esta perspectiva que inunda las universidades y "rechaza las grandes narraciones históricas, la posibilidad de conocimiento objetivo, la unidad y el progreso", defender la cohesión y homogeneidad de nuestras ciudades, salvaguardando el patrimonio colectivo, será tildado de discurso rancio y trasnochado. Pero es nuestra labor defender la historia que guardan estas calles, y no destruirla con la venia del mercado. Ante el mercado y la compra liberal de identidad mediante la trasgresión estética, defender las áreas homogéneas es lo único revolucionario. Frenar el ciclo de la de decadencia siguiendo el ejemplo de la comisión presidida por el eminente Sir Roger Scruton y su informe "Living in beauty. Promoting health, well-being, and sustainable growth". "Building better, building beautiful" (2020).

Pues hemos observado lo que sucede en Londres y otras grandes capitales, y las nuestras no son, ni serán, una excepción. Los nuevos mecanismos de mercado las acechan. Las multinacionales digitales comienzan a acaparar nuestros servicios. En los últimos meses, los hasta ahora ajenos fondos buitres, como Blackstone, comienzan a aterrizar en los barrios bilbaínos desalojando a sus inquilinos. Y ¿Quién puede asegurar que no surgirán nuevos "accidentes de trenes, meteoritos o platillos voladores" en las manzanas del ensanche? ¿Quién puede asegurar la supervivencia de nuestro patrimonio construido? ¿De nuestra historia?

“Los espectaculares medios de producción y comunicación que el capitalismo se ha sacado del sombrero, se asemejan al mago que ya no es capaz de dominar las potencias subterráneas que el mismo ha conjurado” (Marx 2019, 57). El mercado hace lo que tiene que hacer, y lo hará. Hagamos nosotros lo nuestro.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Brossat, Ian. (2019): Airbnb. La ciudad uberizada. Pamplona: Katakarak.

Eagleton, Terry. (2005): Después de la teoría. Barcelona: Debate.

Galdeano, Iñigo, et. Al. (2021): Mantener las áreas homogéneas del ensanche de Bilbao. Bilbao: Intbau.

Harvey, David. (2017): La condición de la postmodernidad. Buenos Aires: Amorrortu.

Harvey, David. (2019): Marx, el capital y la locura de la razón económica. Madrid: Akal.

Jenkins, Simon. (2018): Skyscrapers wreck cities. Londres: The Guardian.

Marx, Karl (2019): Manifiesto comunista. Madrid: alianza editorial.

Merrifield, Andy. (2019): La nueva cuestión urbana. Pamplona: Katakarak.

Mumford, Lewis. (2018): La cultura de las ciudades. Logroño: Pepitas de Calabaza.

Sudjic, Deyan. (2005): La arquitectura del poder. Barcelona: Planeta.

Sudjic, Deyan. (2017): El lenguaje de las ciudades. Barcelona: Ariel.

SOBRE O ORGANIZADOR

ARISTON DA SILVA MELO JÚNIOR - GRADUADO em Engenharia agrícola e civil pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP; com PÓS-DOUTORADO no estudo de sinterização e obtenção de compósitos de terras raras em células à combustível pelo Centro de Ciências de Tecnologia de Materiais (CCTM) e PÓS-DOUTORADO no estudo da poluição atmosférica e a contribuição dos gases de efeito estufa (GEE) no impacto ambiental pelo Centro de Química e Meio Ambiente (CQMA) ambos realizados no Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (IPEN) da Universidade de São Paulo - USP. MESTRE em Engenharia de Recursos Hídricos - Água e Solos no estudo da relação e interferência dos parâmetros ecofisiológicos de macrófitas na depuração de esgoto doméstico na Faculdade de Engenharia Agrícola (FEAGRI) da UNICAMP. DOUTOR em Engenharia de Recursos Hídricos e Energéticos estudando a relação e presença de metais pesados dispersos na atmosfera através da coleta de material particulado PM10 e análise pelas técnicas de reflexão total por raios X e microfluorescência com uso de radiação síncrotron aplicadas às análises pela Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo (FEC) da UNICAMP. Possui mais de 45 artigos publicados com temática no uso da engenharia e tecnológicas de ponta e alternativas para estudo dos processos de tratamentos de resíduos líquidos, gasosos e sólidos. Autor de 5 livros técnicos e de 2 capítulos de livros na área de engenharia civil e sanitária. Membro da Associação de Engenheiros da SABESP (Companhia de Saneamento Básico de São Paulo) atuou como avaliador e examinador na IBFCRL para concursos públicos na área de engenharia civil e agronomia, além de participar em bancas de mestrado e de concursos na UNICAMP e no IFSP. Adepto do ensino continuado realizou mais de 102 cursos de aperfeiçoamento no ensino superior pela Universidade Federal do Ceará, pela Universidade Estadual do Maranhão e outras IES. Possui mais de 10 anos no ensino superior na Universidade Paulista (UNIP); Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU); Universidade Braz Cubas e FATEC-SP. Sendo professor nos cursos de Engenharia: Civil; Sanitária e Ambiental; Elétrica; Mecânica; além dos cursos de tecnologia de edifícios; gestão ambiental e arquitetura e urbanismo. Foi coordenador geral do curso de engenharia civil na FMU durante a gestão de 2015-2016. Tem como linha de pesquisa o estudo contínuo de novas tecnologias de tratamento de resíduos sólidos e líquidos para depuração e conservação do meio ambiente, atuando como pesquisador colaborador na USP e UNICAMP.

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/0010807076892082>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acupunturas urbanas 14, 16, 20

Áreas homogêneas 147, 164, 165

C

Ciclovias recreativas 105, 107, 108, 109, 110, 113, 114, 115, 116, 117, 118

Cidade inteligente 48, 54, 55

Cidade tradicional 48, 49, 55, 58, 64, 68, 69

Ciudades sostenibles 14

Construção civil 81, 82, 85, 89, 93, 120, 133

D

Demografia 12, 25, 30, 46

Derecho a la ciudad 102, 134, 135, 136, 139, 141, 142, 144

Desarrollo urbano 19, 21, 22, 24, 102, 134, 135, 143, 145, 146

Desenho urbano 62, 64, 66, 67, 68, 71, 73, 75, 78

Diseño urbano participativo 14

E

Econometría 25

Edifícios 15, 62, 68, 69, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 87, 92, 95, 100, 120, 144, 150, 155, 156

Engenharia civil 81, 120, 133

Espacio público 18, 19, 94, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 115, 118, 139, 140, 141, 143, 145, 146

Expo'98 62, 63, 64, 65, 70, 76, 78, 79, 80

F

Fragmentación espacial 134, 136, 138, 143, 144

H

Habitabilidad 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 12, 13

I

Identidad 15, 143, 147, 163, 164

Infraestructuras 94, 96, 99, 100, 101, 102

Investigación económica 25

J

Justicia espacial 134, 135, 136, 139, 142, 144

L

Lajes 84, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 133

M

Memória 48, 49, 57, 58, 60, 61, 67, 80

Mobilidade ativa 105, 106, 107, 109, 116, 117, 118, 119

Modelagem 3D 81

Morfologia 62, 66, 73

Movilidad 9, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 109, 113, 118, 138, 143, 144

P

Paisaje 2, 5, 15, 94, 138, 147

Patrimonio 29, 63, 108, 109, 113, 147, 164

Perspectivas do BIM 81

Planejamento de cidades 105, 106

Poblados rurales 1

Pobreza 25, 26, 27, 28, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 55, 56

Política pública 46, 60, 105, 107, 108, 109, 117

Postmodernismo 147, 163, 164

R

Regeneración urbana 14, 16, 22

S

Segregación social 96, 134, 136, 138, 141, 143, 144, 145

Seguridad ciudadana 134, 136, 142

Soluciones basadas en la naturaleza 14, 18, 20, 22, 23

U

Urbanismos tácticos 14, 16

Urbanização 48, 49, 50, 51, 60, 61, 64, 65, 80

Urbanización 1, 2, 3, 5, 12, 47

V

Vila Expo 62, 63, 65, 76

Vivienda 1, 3, 4, 5, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 33, 38, 44, 139, 142, 150, 160